

Globalização e Islão rimam na realidade?

Bruno Cardoso Reis

Olivier Roy é um dos mais destacados especialistas nos movimentos islamitas. A sua obra *L'Échec de l'islam politique*, de 1992, foi uma pedrada no charco da literatura dedicada à análise do islamismo. Uma década depois, Roy oferece-nos uma leitura actualizada do fenómeno do islamismo com *L'Islam mondialisé*.

Na sua obra de 1992, dedicada ao estudo do islamismo, a tese fundamental do autor era a de que os movimentos islamistas radicais e revolucionários tinham falhado na sua tentativa de tomar o poder pela força, face à determinação e eficácia da resistência estatal no Médio Oriente. Nomeadamente pelo carácter “pedagógico” da revolução iraniana de 1979, que levou Khomeini ao poder, que acabou por se revelar - por ser xiita; por ser persa; e por ser extremamente violenta para com o antigo aparelho de Estado, nomeadamente o exército - não o início de uma vaga de revoluções islâmicas, mas sim de uma vaga de repressão generalizada e determinada do islamismo pelo *statu quo*.

O resultado desse falhanço de uma estratégia de politização do Islão e de tomada do poder inspirada nas doutrinas insurreccionais então em voga, defendia Roy, era a divisão da militância islâmica em duas correntes. De um lado, uma corrente minoritária manteve o objectivo do derrube dos regimes vigentes, mas assumiu a estrutura e a lógica de um partido de vanguarda. Contra a violência e organização do Estado ‘apóstata’ só uma maior violência e organização poderiam responder com sucesso. O terrorismo passou a ser a sua arma de escolha e a al-Qaida é a comprovação dramática do acerto da análise de Roy.

Do outro lado, as principais organizações do islamismo tradicional recuaram na sua politização, procuraram recuperar um *modus vivendi* com os regimes vigentes e a tradicional aposta no campo social e cultural, usando a sua influência ‘social’ para pressionar os regimes vigentes no sentido da re-islamização. Isto resultou numa tendência para uma crescente fusão entre um islamismo revolucionário, muitas vezes visto como esquerdista, e correntes mais tradicionalistas.

O elemento central de novidade deste *L'Islam mondialisé* é que Roy defende que os elementos mais dinâmicos do islamismo actual são filhos da globalização. E, portanto,

também, em muitos casos, tão ou mais filhos do Ocidente do que do Oriente. Uma tese que tem pelo menos o interesse de contrariar o discurso largamente dominante sobre o fenómeno.

De facto, grande parte dos comentadores parecem esquecer é que o islamismo na actualidade, mesmo ou talvez particularmente o mais radical, na sua reacção ao Ocidente, não rejeita a globalização, antes a abraça. Sem duvida que utiliza grutas no Afeganistão, mas não recorre menos à internet e todo o tipo de novas formas de comunicação à distância para construir e manter redes internacionais . Volta-se não para um país em particular, mas para a comunidade universal de todos os muçulmanos - para a umma.

Recorrendo à sociologia do terrorismo que tanto ocupa as mentes na actualidade, Roy constata que uma parte significativa dos vultos mais importantes do islamismo radical actual, quer estejam envolvidos em terrorismo ou se limitem à violência retórica, são muçulmanos desenraizados, afastados da sua família e comunidade tradicional, por várias razões, da imigração ao exílio mais ou menos voluntário - aliás, por vezes, difíceis de distinguir -, passando por temporadas de estudo no estrangeiro.

Alguns, como Moussaoui são já representantes da segunda geração de imigrantes no Ocidente, ou são até conversos ocidentais ao Islão, como o norte-americano John W. Lindh. Homens como Kalhed Kelkal, responsável pelos atentados em França em 1995, ou Ahmed Ressay e Mohamed Atta que coordenaram os ataques de 11 de Setembro de 2001 nos EUA "foram em grande parte re-islamizados no Ocidente".

Porém, alerta o autor, também neste fenómeno da re-islamização no Ocidente, encontramos pelo menos duas respostas diferenciadas, que é essencial não confundir na pressa em combater o terrorismo islamista. Por um lado, há grupos, por exemplo aqueles que têm por referência Tariq Ramadan, professor de teologia islâmica na Universidade de Friburgo e neto do fundador dos Irmãos Muçulmanos, que têm claramente muito em comum com a Opus Dei ou outro tipo de associações de elite católicas, protestantes, ou judaicas. É o caso da UOIF francesa ou da Milli Görüs presente na diáspora turca. Estas organizações querem contribuir para uma integração bem sucedida, mas sem abdicar de uma determinada identidade religiosa. O máximo de que podem ser acusadas é de quererem ser influentes e serem conservadoras.

A al-Qaida representa a outra face, actualmente claramente minoritária deste fenómeno de desenraizamento e re-enraizamento. Bin Laden esteve praticamente ausente da Arábia

Saudita durante os anos 80, quando trocou os confortos de milionário pelo apoio à luta dos guerrilheiros afegãos contra a ocupação soviética do Afeganistão, com o apoio da CIA e dos serviços secretos sauditas, país a que acabou por voltar depois de uma paragem no Sudão, como consequência da sua ruptura com estes seus patronos em 1991.

No fundo, o que o autor desafia é a ideia feita de que este é fundamentalmente um problema do Oriente e não do Ocidente; de que o fenómeno tem exclusivamente a sua origem nas escolas religiosas da Arábia Saudita ou do Paquistão, e não nas faculdades de engenharia do Ocidente, em que Atta ou Bin Laden se formaram.

Roy insiste, porém, que este fenómeno de re-islamização, ou de ‘born-again muslim’ depois de uma fase de ocidentalização pelo menos aparentemente completa - basta pensar na famosa foto de Bin Laden, nos anos 70, em Oxford, com calças à boca de sino -, não tem necessariamente que redundar na adopção de uma estratégia de violência contra o Ocidente. Aqui o elemento chave são as redes de sociabilização em torno de imans radicais, uma minoria e geralmente presente em mesquitas dos subúrbios, mas com um potencial impacto muito negativo.

A sua conclusão fundamental é que o combate às raízes do terrorismo islamista não pode, portanto, ser reduzido à denúncia da educação saudita ou paquistanesa, por muito necessitadas de reforma que ambas estejam. É particularmente importante olhar para as comunidades de imigrantes e naturais de países europeus de fé islâmica que têm continuado a crescer, a ponto de constituírem, em vários Estados europeus, a segunda ou terceira maior comunidade religiosa.

Chama a atenção para o facto de formas mais conservadoras do Islão, que frequentemente suscitam muitas desconfianças, nomeadamente pela sua relação próxima com um determinado país no mundo islâmico, serem, na verdade, geralmente muito ‘integradas’, ou seja, menos desenraizadas e propensas à violência, do que elementos mais ‘modernos’. A grande questão está na transição da primeira para a segunda geração de imigrantes. Ou seja, na capacidade destas comunidades para se reproduzirem, e dos estados de acolhimento para integrarem. Se as falhas no diálogo entre imigrados muçulmanos de primeira e segunda geração serão mais complicadas de resolver com intervenções governamentais, já cabe aos Estados uma responsabilidade fundamental no diálogo com as organizações da comunidade islâmica.

Para Roy, uma das piores ilusões da actual luta contra o terrorismo, cuja necessidade não contesta, estará em pensar que a Europa e os EUA são uma espécie de santuário a defender de agressões exteriores, ou que ela apenas se trava pela repressão e pela exclusão. Também o Ocidente, e não apenas a Palestina ou o distante Afeganistão, é palco da luta pelo ‘coração e pela mente’ do Islão.